

Fanfics corporativas: o discurso humorístico como estratégia de resistência diante da racionalidade neoliberal

Corporate fanfics: humorous discourse as a strategy of resistance against neoliberal rationality

Francisco Vieira da Silva  

francisco.vieiras@ufersa.edu.br

Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA

Resumo

O objetivo deste estudo consiste em analisar como os discursos humorísticos materializados em postagens e comentários do grupo *Fanfics corporativas* se constituem como estratégias de resistência diante da racionalidade neoliberal, pois parodiam, satirizam e tornam risíveis práticas e condutas concernentes ao campo empresarial e corporativo e, por extensão, ao paradigma neoliberal. O aparato teórico que norteia esta investigação repousa nos postulados de Foucault (2008; 2010), de Dardot e Laval (2016) e de Possenti (2010). A metodologia segue uma perspectiva descritivo-interpretativa de natureza qualitativa. O corpus compreende quatro postagens e vinte comentários publicados no grupo *Fanfics corporativas* em dezembro de 2021. As análises atestam que os recursos linguístico-discursivos mobilizados para a construção do humor, como a paródia e a ironia, constituem estratégias de resistência em relação às vontades de verdade da racionalidade neoliberal, pelo fato de inserirem os discursos vinculados a tal racionalidade no esteio da fantasia, da fabulação e da ficção, destituindo-os de certa confiabilidade.

Palavras-chave

Humor. Discurso. Mídia digital. Racionalidade neoliberal.

Abstract


The objective of this study is to analyze how the humoristic discourses materialized in posts and comments of the group *Corporate Fanfics* constitute resistance strategies against neoliberal rationality, because they parody, satirize and make laughable practices and behaviors concerning the business and corporate field and, by extension, the neoliberal paradigm. The theoretical apparatus that guides this investigation rests on the postulates by Foucault (2008; 2010), by Dardot and Laval (2016) and also by Possenti (2010). The methodology follows a descriptive-interpretative perspective of a qualitative nature. The corpus comprises four posts and twenty comments published in the group *Corporate Fanfics* in December 2021. The analysis shows that the linguistic-discursive resources mobilized for the construction of humor, such as parody and irony, constitute resistance strategies in relation to the wills of truth of neoliberal rationality, by inserting the discourses linked to such rationality in the support of fantasy, fabrication and fiction, depriving them of a kind of reliability.

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 24/12/2021

Aprovação do trabalho: 21/09/2022

Publicação do trabalho: 07/04/2023

 10.46230/2674-8266-15-7478

COMO CITAR

SILVA, Francisco Vieira da. *Fanfics corporativas: o discurso humorístico como estratégia de resistência diante da racionalidade neoliberal*. *Revista Linguagem em Foco*, v.15, n.1, 2023. p. 199-220. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/7478>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

Keywords

Humor. Discourse. Digital media. Neoliberal rationality.

Introdução

Em dezembro de 2021, uma matéria publicada no site do jornal “O Estado de São Paulo” apontava o crescimento de um movimento denominado “anticoach” que havia se fortalecido nas redes sociais digitais, com o intuito de satirizar as receitas prontas das práticas dos *coaches* e do nicho da autoajuda e, de modo ubíquo, questionar o excesso de produtividade e de performance a que estamos suscetíveis na sociedade atual, diagnosticada por Han (2015), como a sociedade do desempenho. Segundo a matéria antes aludida, esse movimento se corporificava por meio de memes e de frases desmotivacionais, as quais alertavam para os efeitos danosos da chamada “positividade tóxica”, que tende a ignorar o sofrimento mental e a exploração do trabalho sob o signo de uma motivação permanente (RODRIGUES, 2021). A partir do exposto, defendemos que não é de modo fortuito que o humor constitui a estratégia através da qual esses discursos fazem a crítica do momento presente, desnudando as contradições, os limites e os subterfúgios demandados para governar as subjetividades contemporâneas. Sabemos que o humor foi amplamente empregado para questionar e potencialmente subverter a ordem social vigente em diversos momentos da história e agora não poderia ser diferente. Conforme nos lembra Minois (2003), ao riso foi dedicado uma série de tratados e observações de variadas ordens, o que mostra a proeminência dessa questão em diferentes sociedades, ao longo do tempo.

Nessa lógica, o foco deste estudo reside em considerar o discurso humorístico como uma estratégia de resistência diante do que consideramos, na esteira de Dardot e Laval (2016), como a racionalidade neoliberal. Segundo esses autores franceses, o neoliberalismo não se constitui somente como uma doutrina eminentemente de natureza econômica, mas como uma razão a direcionar o modo como os sujeitos são governados numa relação consigo mesmo e com os demais, sob esquemas de inteligibilidade marcados pela matriz mercadológica. Na voz dos autores: “[...] a estratégia neoliberal consistiu e ainda consiste em orientar sistematicamente a conduta dos indivíduos como se estes estivessem sempre e em toda parte comprometidos com relações de transação e concorrência no mercado” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 240). Assim, os diversos domínios da vida foram cooptados pela lógica da concorrência e da competição, de maneira

que é preciso investir constantemente no capital humano (FOUCAULT, 2008) e mostrar-se flexível, adaptativo e autônomo, implementando competências socioemocionais em sintonia com as exigências do mercado. Em face desse contexto, o humor desnuda o que já é visível, mas o faz de forma a gerar uma reflexão sobre as relações de poder responsáveis pela emergência de certas condutas e comportamentos. No caso deste artigo, a principal característica do discurso humorístico consiste em alocar os dizeres atinentes ao universo neoliberal no esteio da ficção e da fantasia.

Para isso, tomamos como objeto de análise quatro postagens e vinte comentários publicados no grupo *Fanfics corporativas* no Facebook, coletadas no mês de dezembro de 2021. Cabe assinalar, de antemão, que *fanfics* provêm do termo *fanfictions* e significa uma prática de escrita empreendida por fãs, especialmente no âmbito das redes digitais, que constitui outra versão de histórias já conhecidas do público ou a criação de novas narrativas a partir de personagens de obras existentes. De maneira frequente, livros populares como *Crepúsculo*, *Harry Potter* e *Senhor dos Anéis* são os principais desencadeadores das *fanfics* (BARBOSA; FISTAROL; ROEPKE, 2020). Partindo dessa definição, o objetivo deste estudo consiste em analisar como os discursos humorísticos materializados nas postagens e comentários do grupo *Fanfics corporativas* constituem-se como estratégias de resistência em face da racionalidade neoliberal, uma vez que parodiam, satirizam e tornam risíveis, práticas e condutas concernentes ao campo empresarial e corporativo e, por extensão, ao paradigma neoliberal, de modo a questionar as vontades de verdade dessa racionalidade e propor outras formas de com ela lidar.

A fim de subsidiar as análises, encontramos respaldo em Foucault (2008; 2010) acerca do discurso e do neoliberalismo, em Dardot e Laval (2016) sobre as especificidades da razão neoliberal e em Possenti (2010) sobre o funcionamento do discurso humorístico, dentre outros autores. No tocante à metodologia, trata-se de uma perspectiva descritivo-interpretativa, porque nos importa descrever e interpretar os discursos que circulam em postagens e comentários do grupo *Fanfics corporativas*, de cunho eminentemente qualitativo, pois interessa ponderar sobre a natureza do fenômeno investigado, sem lançar mão de dados quantitativos, variáveis controláveis e/ou números.

Sobre a organização deste trabalho, convém pontuar que se encontra estruturado da seguinte forma: além da presente introdução, na seção a seguir, trazemos para o debate algumas reflexões sobre o discurso, o poder, a resistência, o humor e a racionalidade neoliberal; posteriormente, tem-se a análise das ma-

terialidades discursivas coletadas para esta pesquisa e, por fim, as considerações finais, em que sumarizamos as principais questões desenvolvidas no decorrer do texto.

1 Discurso, poder, resistência, humor e racionalidade neoliberal: breves apontamentos

Conforme Foucault (2010), o discurso é concebido como uma prática que constrói os objetos de que fala. Enxergar o discurso nesses moldes redonda levar em conta que a análise se volta para o interior das coisas ditas, observando as condições de possibilidade as quais fizeram com que certos discursos e não outros emergissem num dado tempo e lugar. Na descrição efetuada por Foucault (2010), na obra *Arqueologia do Saber*, o discurso também é conceituado como um conjunto de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva. O enunciado manifesta-se como o átomo do discurso, a unidade mínima de análise. Diferente de outras unidades distintivas como a frase, a proposição e o ato de fala, o enunciado constitui uma função que pertence aos signos e cruza domínios diversos, comportando as seguintes propriedades: a) referencial – está relacionado com as leis de possibilidade responsáveis pela irrupção do enunciado; b) posição de sujeito – diz respeito a um dado posicionamento assumido na constituição do enunciado, que não se confunde com o sujeito gramatical, com o sujeito empírico e nem com a instância autoral; c) domínio associado – representa uma rede enunciativa através da qual os enunciados dialogam com já ditos e com dizeres a serem produzidos, supondo, assim, o funcionamento de uma memória; d) materialidade repetível – todo enunciado carece de um suporte, de um lugar, de uma data, de uma substância e/ou de um aporte institucional para vir a lume.

A descrição das propriedades do enunciado na composição do discurso como um acontecimento singular busca indiciar regularidades reveladoras da formação discursiva, caracterizada por Foucault (2010) como um conjunto de recorrências de escolhas temáticas, de objetos discursivos, de estratégias e de conceitos que permite flagrar certas repetições, permanências e continuidades no interior de um regime de dispersão enunciativa. Para Foucault (2010, p. 83), a partir da formação discursiva, vê-se o desvelar de “[...] uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio da articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, mutações e processos”.

Refletir acerca do discurso leva-nos ao exame da ligação deste com o poder. De acordo com o autor de *Vigiar e Punir*, o poder é algo que atravessa a

produção discursiva (FOUCAULT, 2006), vinculando-se com o desejo e com as diversas lutas sociais (FOUCAULT, 2009). O poder, nessa ótica, não se aloja num lugar, numa pessoa ou numa instituição específica, mas se caracteriza por uma microfísica, que subsiste a todas as organizações humanas, não porque englobe tudo, mas porque provém de todos os lugares. De modo distinto a perspectivas que enxergam o poder sob o prisma do contrato, do direito, da repressão ou mesmo do capital, Foucault (1995) pensa essa questão a partir da genealogia que, inspirada livremente na proposta metodológica de Nietzsche, entende o poder por meio de uma economia. Nessa visão, o poder não apenas dificulta, impede ou submete, como também incentiva, produz, incita e conduz. Delineia-se, com isso, a positividade do poder e a alegação de que a ele se pode resistir. Ademais, de acordo com a filosofia foucaultiana, o poder não atua sobre diretamente um corpo ou sobre um sujeito em particular, mas sobre a ação de um sujeito que, por seu turno, atua sobre o/s outro/s.

Imperioso ressaltar que a obra de Foucault não nega a centralidade de componentes econômicos nas configurações das relações de poder. Por outro lado, o autor francês assinala a capilaridade do poder para além desse foco. Procedendo assim, tem-se uma compreensão mais ampla acerca do fenômeno do poder, em sintonia com as diferentes matrizes da história no Ocidente. Na operacionalização de suas elucubrações, Foucault (1995) demarca como o poder funciona, a partir da descrição dos elementos responsáveis pela analítica do poder, quais sejam: a) sistema de diferenciações – é preciso atentar para as diferenças jurídicas e os privilégios, as diferenças econômicas, linguísticas e culturais que permitem a existência de certas e não outras; b) o tipo de objetivos – convém averiguar quais propósitos matizam uma dada ação sobre outra ação, como manter privilégios, acumular lucros, operacionalizar uma autoridade estatutária ou exercer uma profissão, por exemplo; c) as modalidades instrumentais – importante especificar por meio de qual artefato as relações de poder circulam, como o efeito da palavra, o uso de armas, de sistemas de vigilância, de arquivos e documentos, mecanismos de controle, dentre outros; d) formas de institucionalização – crucial sinalizar que podem se aglutinar dispositivos tradicionais, estruturas jurídicas e familiares, hábitos com dispositivos mais complexos como as formas governamentais de exercício do poder; e) graus de racionalização – o funcionamento das relações de poder preconiza um campo de possibilidades a abarcar a eficácia de instrumentos e a certeza de determinados resultados, assim como o eventual “custo” demandado na efetividade de certas tecnologias de poder. De acordo com Foucault (1995), o poder não constitui um fato bruto, um dado insti-

tucional ou uma estrutura a ser mantida ou destruída, senão algo que se elabora e se constrói, tendo em vista a existência de procedimentos e técnicas permanentemente ajustáveis.

Ainda conforme o lastro teórico foucaultiano, as relações de poder supõem o funcionamento de estratégias de resistência. Isso porque uma vez que o poder é exercido por sujeitos inscritos num campo de ação possível, sempre há a possibilidade de fuga, de revolta e de sublevação. Para Foucault (1995), toda relação de poder implica uma estratégia de luta, pois se trata de uma constante agonística, de um jogo de forças que nunca cessa e, a cada instante, a relação de poder torna-se um ponto de confronto, já os movimentos de adversidade tendem a demandar relações de poder, de modo a mostrar a conexão íntima entre o poder e resistência.

De acordo com Foucault (1995), as lutas questionam os modos de governo que individualizam os sujeitos, atacando, com isso, formas de poder aplicadas à vida cotidiana, as quais marcam os indivíduos em sua individualidade, ligando-os a uma identidade, a uma lei de verdade, a ser reconhecida pelos próprios sujeitos e pelos demais. Trata-se, em síntese, de estratégias de resistências contrárias aos diversos modos de sujeição e de submissão, mobilizados pelos efeitos das técnicas de governo desencadeadas no decorrer do tempo. Segundo o autor francês, o Estado moderno perfilou-se a partir de mecanismos do poder pastoral, com vistas a engendrar um governo que se mostra a um só tempo individualizante e totalizador.

Seguindo a proposta de Minois (2003), somos levados a crer que o humor pode se configurar como uma espécie de antídoto diante das mais variadas maneiras de governar, dos desmandos das/os políticas/os e de outros problemas sociais. Assim sendo, o riso representa, num primeiro momento, uma estratégia de resistência em face da nossa finitude constitutiva, mas não se resume a isso, porque, ao longo do tempo, desafiou a ordem vigente através do escárnio, da paródia e da crítica corrosiva. O estudo de Bakhtin (2008) sobre o riso popular na obra de François Rabelais ilustra isso, porque, segundo o pensador russo, não é possível compreender “[...] convenientemente a vida e a luta cultural e literária das épocas passadas, ignorando a cultura cômica popular particular, que existiu sempre, e que jamais se fundiu com a cultura oficial das classes dominantes” (BAKHTIN, 2008, p. 418). Para esse estudioso, a cultura popular usou e abusou de formas grotescas e escrachadas (corporais e linguísticas) para satirizar os costumes das classes dominantes da época.

Muitos séculos mais tarde, vimos como no contexto de regimes ditatoriais

na segunda metade do século XX, o humor se caracterizou como uma arma mordaz contra as políticas de censura e de silenciamento impostas, tanto no Brasil (FIGUEIREDO, 2012), como noutros países da América Latina, a exemplo da Argentina (BURKART, 2017). Ademais, o humor também pode representar táticas de resistências de grupos socialmente desprestigiados, como destaca o estudo de Castro e Siqueira (2020) acerca dos discursos de membros de clubes de futebol gay. Segundo os autores, uma das regularidades que assinalam esses discursos consiste na ressignificação da injúria pelo humor, num campo marcado pela presença ostensiva da homofobia e da heteronormatividade como o futebol. Porém, é importante pontuar que o emprego do humor também pode emular estereótipos e preconceitos, conforme revela a pesquisa de Ruiz, Araújo e Manzano (2021) em torno dos discursos humorísticos acerca do feminismo na *internet*, os quais tendem a cercear os espaços de atuação da mulher, ao satirizar a luta e as conquistas dos movimentos sociais.

Sabemos que essa tentativa de encaixar o humor numa lógica pragmática pode parecer paradoxal diante do caráter libertário e/ou descompromissado do riso; no entanto, procedemos desse modo para mostrar que o humor responde a demandas históricas e sociais. Defende Muniz (2021, p. 62) que o humor se constitui num campo discursivo e, como tal, expressa uma variedade de posicionamentos, ou seja, “[...] nem sempre os posicionamentos assumidos por meio de um texto/gênero textual humorístico haverão de ser revolucionários. Que o digam, por exemplo, piadas machistas ou racistas, típicas de sociedades conservadoras e intolerantes à diversidade”.

Para aprofundar um pouco mais a tese do humor como um campo discursivo, mobilizamos as reflexões de Possenti (2010), para quem as seguintes características definem a instauração de um campo para o humor: a) caracteriza-se por regras específicas, marcadoras das especificidades de outros campos como o literário, o jornalístico, o jurídico, o científico; b) o humor pode tratar de uma miríade de temáticas e luta para que “nenhuma proibição ou controle possa atingir suas produções” (POSSENTI, 2010, p. 175); c) compreende uma variedade de gêneros, passando da comédia à charge, crônicas, narrativas, histórias em quadrinhos, tiras, piadas, cartuns e a exploração humorística de outros tipos de textos; d) há uma tipologia que escande o humor em um viés mais popular e um recorte de humor mais erudito; e) tem-se uma estreita relação com as mídias em que são veiculadas as diferentes modalidades do humor, desde o *Stand-up Comedy* ao espaço do jornal onde aparecem os gêneros humorísticos, de forma a revelar o

modo como esses textos serão lidos pelos assinantes do veículo de comunicação.

Pegando carona em Minois (2003), vemos que rir representa uma estratégia para não sucumbir às tragédias sociais. Num momento histórico marcado por agudas crises (política, social, econômica e sanitária), o humor pode ser um lampejo de vigor face ao terror. A fim de mapear as condições de possibilidade responsáveis pela emergência do humor no *Fanfics corporativas*, falemos um pouco mais sobre o neoliberalismo, o qual margeia toda a produção discursiva do grupo e expressa demandas históricas do momento atual. Para isso, apelamos, num primeiro momento, a Foucault (2008). Segundo esse autor, o neoliberalismo insere-se no esteio de uma reflexão acerca das artes de governar. Essa problemática foi o foco do curso ministrado no Collège de France, no ano de 1979, postumamente publicado em livro com o título *O nascimento da biopolítica*. O principal argumento mobilizado na discussão foucaultiana é que o liberalismo, vertente da qual o neoliberalismo deriva, constitui um método de racionalização que põe em xeque a existência do governo e, no limite, busca operar no sentido de fazer com o que o governo minimize os custos e maximize os efeitos. Para isso, um corte foi necessário: o governo precisa atuar com bases nos interesses da sociedade, e não mais em coisas e/ou territórios, conforme apregoava a razão de Estado do século XVI.

A partir daí, defende-se cada vez mais a existência de um Estado mínimo no sentido de prover as condições relacionadas ao bem-estar social sob a tônica da austeridade fiscal e um Estado atuante como incentivador da livre concorrência e da competição. O neoliberalismo, consoante Foucault (2008), encontra espaço por meio de uma crítica endereçada aos planos econômicos estatais desenvolvidos no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial e apresenta pelo menos duas vertentes: o ordoliberalismo alemão e o neoliberalismo norte-americano. Este último foi o que mais se sobressaiu no sentido de se expandir para outros lugares do mundo, em sintonia com a globalização e com a financeirização do capitalismo e foi idealizado por economistas da chamada Escola de Chicago, como Milton Friedman, Gary Becker, Thomas Shultz e Ludwig von Mises, influenciados fortemente pelo austríaco Frederick Hayek. Experiências neoliberais robustas irrompem a partir dos anos de 1970, na conjuntura da crise do petróleo, demarcando as gestões de Ronald Reagan, nos Estados Unidos, de Margaret Thatcher, no Reino Unido, e no Chile, sob o regime ditatorial de Augusto Pinochet. De acordo com Foucault (2008), a especificidade nodal do neoliberalismo norte-americano reside no fato de essa arte de governar intervir em domínios da sociedade que,

a priori, não são delineados pelo prisma econômico. Para isso, foi necessário modular subjetividades em franca articulação com os princípios do mercado. Uma vez que o neoliberalismo propugna a concorrência como a “menina dos olhos” do desenvolvimento do capitalismo, é necessário que os sujeitos se comportem como se estivessem sempre numa transação mercadológica (DARDOT; LAVAL, 2016), numa disputa consigo mesmo e com os outros e, para tanto, torna-se imprescindível investir em si mesmo, ser flexível, autônomo, empreendedor e produtivo. Han (2018) atesta que quem fracassa nessa sociedade neoliberal do desempenho tende a se autoculpabilizar no lugar de questionar as condições do sistema.

Com efeito, Safatle (2021, p. 25) aponta que o neoliberalismo nada mais é do que uma engenharia social a engendrar formas de individualização responsáveis por levar os sujeitos a acreditarem que não são “[...] portadores e mobilizadores de conflitos estruturais, mas como operadores de performances, otimizadores de marcadores não problematizados” (SAFATLE, 2021, p. 30). Isso se dá porque a racionalidade neoliberal atua numa dimensão na qual localizar um imenso “trabalho de design psicológico visando à produção de um tipo de relação a si, aos outros e ao mundo guiada através da generalização de princípios empresariais de performance, investimento, de rentabilidade, de posicionamento” (SAFATLE, 2021, p. 30). Assim, se o sujeito é empresário de si mesmo, conforme já previa Foucault (2008), cabe somente a ele gerenciar a sua vida tal como o faz no cerne da empresa, comportando-se enquanto tal, o que supõe o gerenciamento e administração de riscos, o cuidado com a saúde, com o corpo e o bem-estar, o controle objetivo das emoções, o investimento nos estudos e na aposentadoria, enfim, a consolidação de um capital humano (FOUCAULT, 2008) competitivo em relação às exigências instáveis do mercado. Em epítome, a retórica gerencial invadiu todos os campos da vida social, inclusive a privada, pois até mesmo as relações amorosas e familiares são moduladas pela lógica do custo-investimento. Sobre isso, Dardot e Laval (2016) destacam “[...] idealmente cada indivíduo deve ser seu próprio supervisor, mantendo atualizadas a contabilidade dos seus resultados e a adequação às metas que lhe foram atribuídas”. Esses dois autores franceses alegam que o neoliberalismo constitui uma racionalidade responsável por delinear os rumos não apenas da economia, mas de diferentes âmbitos da estrutura social hodierna.

2 Fanfics corporativas: do humor como resistência à ordem neoliberal

O grupo *Fanfics corporativas* no Facebook, em observação realizada no mês de dezembro de 2021, tinha mais de quinze mil membros. As postagens eram diárias e alcançavam de vinte a trezentos comentários, em média. Tais postagens normalmente eram prints de tela de textos originalmente publicadas noutras redes sociais, notadamente o *Linked In*, rede profissional criada em 2002, memes, notícias de jornais e revistas, dentre outros, os quais, de alguma forma, retratam o campo do trabalho e dos negócios e sinalizam para a existência de vontades de verdade (FOUCAULT, 2009) concernentes à racionalidade neoliberal. Na seção Histórico, lê-se que o grupo foi criado em 2019 e conta com quatro moderadores. Trata-se de um grupo privado, sendo necessária a aprovação de um dos moderadores para o ingresso. Quando se solicita o acesso, aparecem perguntas como: “você está ciente de que se trata de um grupo de humor?” Tal estratégia, a nosso ver, visa alertar o interessado participante acerca do modo por meio do qual o grupo funciona e sobre de que maneira os textos que nele circulam devem ser lidos, de modo a dirimir possíveis atritos e desentendimentos. Ademais, o próprio título do grupo já sinaliza para o teor fantasioso da prática da *fanfic*.

Na seleção do *corpus* deste estudo, seguimos o seguinte percurso: coletamos, ao longo de dezembro de 2021, cerca de vinte postagens no grupo e dez comentários para cada postagem; em seguida, fizemos uma prévia do material selecionado, com o intuito de observar as regularidades discursivas presentes; procedemos a uma nova seleção e chegamos a um total de quatro postagens e vinte comentários, a fim de adequarmos aos limites do gênero artigo científico; nomeamos as postagens de acordo com a ordem em que as coletamos e o mesmo foi feito com os comentários; a fim de seguir os princípios éticos da pesquisa em rede social digital (RECUERO, 2017), preservamos os nomes dos sujeitos autores das postagens e dos comentários, mesmo cientes de que tais identificações podem não ser fidedignas, posto que as redes permitem o uso de *nicknames* diversos.

Feitos esses breves esclarecimentos, passemos à análise da primeira postagem, a qual diz respeito a um print de tela de um post feito no dia 2 de dezembro de 2021, num grupo do Facebook intitulado Silvio Santos – O mito. Vejamos a postagem na íntegra.

Hoje eu estava andando na rua, mais precisamente na rua 25 de março e um jovem de bicicleta me parou e disse: Silvio Santos fazendo compras na 25 de março? Você

é o homem mais rico do Brasil, poderia comprar na loja mais cara do mundo mas está no lugar mais barato do Brasil. Então lhe respondi: meu amigo, Jesus me ensinou a ser simples, por isso prefiro usar roupas simples para dar aos pobres tudo que gastaria em lojas luxuosas, meu relógio de 25 reais, mostra o mesmo horário que um relógio de 1 milhão de reais, minha calça de 60,00 veste da mesma forma que a calça de 40 mil. Meu amigo, vejo muito pobre se endividando para fingir ser o que não é. Que Deus abençoe a todos! (Postagem 1).

A narrativa presente na postagem cria uma cena em que um personagem de extremo apelo ao público é situado numa conhecida rua de comércio popular da cidade de São Paulo. Conforme Mira (1994), orbita sob a figura de Silvio Santos uma aura de empreendedor, dado que esse apresentador e empresário conseguiu fazer fortuna com muito esforço e dedicação, partindo, inicialmente, de sua atuação como camelô. Apesar de existir uma série de contradições na história de sucesso do dono do Baú da Felicidade, o fato é que Silvio Santos mimetiza um exemplo a ser seguido, no esteio da racionalidade neoliberal, segundo a qual é possível, por meio do esforço individual, conseguir grandes feitos e transformar desafios em oportunidades de crescimento. Ao tomar esse exemplo para os moldes da atualidade, ignoram-se as condições econômicas e históricas nas quais foi possível Sílvio Santos tornar-se um empreendedor, as quais estão intimamente conectadas, de acordo com Mira (1994), com o chamado “milagre econômico” do período da ditadura militar brasileira e o fato de o empreendimento de Sílvio Santos estimular o consumo de bens não duráveis entre as classes populares.

A lição dada por esse comunicador no âmbito da narrativa apresentada é que, mesmo com grandes posses, tem-se um exemplo de humildade e de valorização da simplicidade, tendo em vista a expressão dos valores dos acessórios (relógio de 25 reais) e da roupa (calça de 60 reais) supostamente usados pelo proprietário do SBT. Podemos, por meio do domínio associado, aproximar essa imagem das constantes fotografias e vídeos de Sílvio Santos fora do palco, em que este aparece de pijama e com estilo despojado, em contraposição ao que comumente se espera de um milionário. A antítese “homem mais rico” versus “lugar mais barato” ilustra essa relação de uma aparente incompatibilidade.

O fato de a historietta se passar na 25 de março, símbolo emblemático do comércio popular, retoma as origens modestas do apresentador e funciona ainda como uma espécie de moral a ser seguida. Quando ele enuncia que observa muitos pobres se endividando, porque querem seguir um padrão de vida inalcançável, circula um discurso que visa a modular, por meio de relações de poder, as condutas dos sujeitos de classes sociais menos favorecidas, especialmente em

relação à administração das reduzidas finanças. Por fim, é ainda relevante mencionar como o discurso religioso perpassa a construção da narrativa, porquanto foi a partir do exemplo de Jesus Cristo que Sílvio Santos aprendeu a ser humilde e benevolente e, ademais, o final da narrativa delinea uma bênção aos leitores, levando-os a seguirem o modelo de simplicidade do filho de Deus e, por extensão, do próprio Sílvio, na consecução de suas vidas.

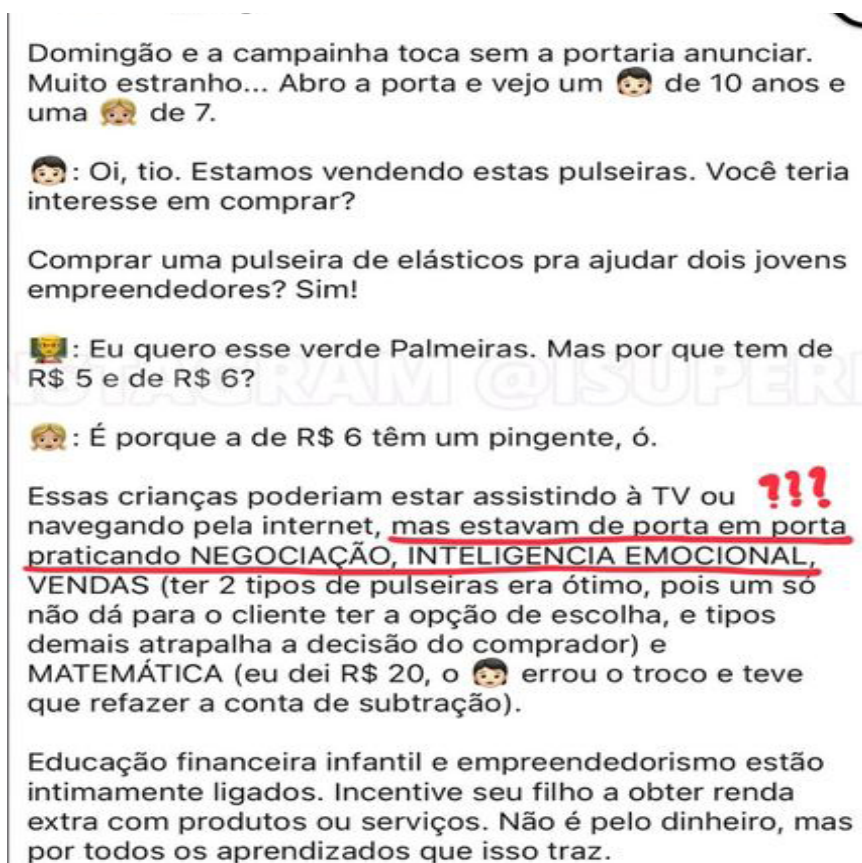
Os comentários publicados a partir da postagem ora analisada demonstram o funcionamento de certos posicionamentos discursivos que, sob a via do humor, buscam descaracterizar a vontade de verdade presente na história contada. Uma das regularidades encontradas nesses comentários consiste em apontar o tom falacioso da narrativa, tal como vemos em: “Para começar, Silvio Santos é judeu e o cara ainda coloca Jesus no meio da história” (Comentário 1) e “Já errou em achar que o Sílvio é o cara mais rico do Brasil. O cara mais rico do Brasil é co-fundador do Facebook” (Comentário 2). Em ambos os comentários, a posição de sujeito sinaliza a presença de termos e informações considerados equivocados na constituição da postagem. Em primeiro lugar, a menção a Jesus estaria em confronto com a religião judaica professada por Sílvio Santos e, em segundo lugar, não procederia o dado segundo o qual esse comunicador seria o homem mais rico do país. Esses erros, portanto, destituem a pretensa seriedade do texto, devendo ser considerado como mais um típico exemplar de cunho ficcional, conforme se nota no comentário a seguir: “A fic é tão mal feita que dá para brincar do jogo dos 7 erros. Eu começo com 2 deles: Sílvio Santos não é o homem mais rico do Brasil. Sílvio Santos é judeu” (Comentário 3).

Os demais comentários buscam emoldurar, em tom irônico, uma posição que embarca no enredo fictício da postagem: “O jovem era ninguém menos que Albert Einstein” (Comentário 4) e “Eu era o jovem da bicicleta e roubei o relógio dele” (Comentário 5). No comentário 4, a remissão a Einstein expõe, num domínio associado, como textos apócrifos, sob a forma de correntes, a circularem em redes sociais digitais, são propensos a tomarem personagens históricos como protagonistas das histórias, com o intuito de gerar um efeito moralizante sobre os leitores. Assim, a referência ao criador da Teoria da Relatividade denota, em tom irônico, as estratégias empregadas na constituição de materialidades repetíveis de semelhante teor, mais uma vez inscrita no domínio da invenção, de uma fuga da realidade. No comentário cinco, o sujeito enunciador diz ser o rapaz da história com quem Sílvio interagiu e teria roubado o relógio dele. Em resumo, nos comentários em estudo, identificamos regularidades discursivas marcadas pelo

sarcasmo e ironia, levando-nos a pensar que se trata de uma maneira de resistir aos efeitos de consenso provenientes de exposições sensivelmente matizadas pela racionalidade neoliberal, pois se pressupõe a celebração de sujeitos insígnies, em um processo de responsabilização irrestrito (STANDING, 2020), no campo do empreendedorismo e a valorização da credibilidade dos discursos produzidos por tais sujeitos.

Na segunda postagem coletada, tem-se também um print de tela. Desta vez, a publicação fora inicialmente publicada no *Linked In*. Abaixo segue a imagem, com a identificação do autor suprimida.

Figura 1 – Postagem 2



Fonte: Grupo Fanfics Corporativas.

Segundo Dardot e Laval (2016), sob os auspícios da razão neoliberal, cada sujeito carrega um espírito empreendedorístico dentro de si e convém desenvolver condições para efetivar na prática tal conduta. É nesse direcionamento que caminha o relato na postagem antes mostrada, porquanto o sujeito enunciador, de forma efusiva, celebra a venda de pulseiras feita por duas crianças como uma

genuína conduta empreendedora, a ser continuamente estimulada. Para tanto, vemos quais habilidades são demandadas nessa singela comercialização: a capacidade de saber negociar, de exercer a inteligência emocional e a precoce competência para ofertar opções aos clientes, bem como os aprendizados da matemática, quando é preciso fazer operações para o fornecimento do troco.

No término da postagem, a posição de sujeito adota um tom de aconselhamento, com vistas a levar os pais, através de relações de poder, a motivarem os filhos no engajamento de atitudes empreendedoras, tendo em vista a importância dos saberes exercidos em tais atividades. Nesse sentido, a posição assumida nesse discurso é de que, desde cedo, é imperativo introjetar as lições da racionalidade neoliberal nas crianças, pois, assim, elas estarão mais preparadas para assumir um lugar no mercado competitivo. De acordo com Casaqui, Matijewitsch e Figueiredo (2019, p. 115), “[...] a criança é construída como agente produtor do futuro, posicionada como lugar de investimento dessa sociedade ideal, em que a liberdade, a autonomia, o sonho, os desejos, tudo isso e algo mais podem ser sintetizados em um termo: empreender”.

Na materialidade repetível da postagem, vemos que um trecho aparece grifado na cor vermelha e três pontos de interrogação são inseridos na parte em que se fala que as crianças estavam de porta em porta praticando vendas e inteligência emocional. Esse recurso gráfico parece apontar para um efeito de estupefação ante o modo por meio do qual o sujeito da postagem conceptualiza a ação das crianças, induzindo ao humor, componente indispensável do grupo *Fanfics corporativas*; consoante se nota nos seguintes comentários: “Trabalhe enquanto eles brincam” (Comentário 6), “slc, as crianças só querem ganhar uma gincana do Xbox one e o cara achando que tão praticando inteligência emocional” (Comentário 7). Para Possenti (2010), o discurso humorístico faz um apelo a um saber, a uma memória e essa informação é fundamental para a compreensão dos sentidos. Assim, o enunciado do comentário seis recupera, via domínio associado, enunciados ditos alhures sobre a exigência de uma produtividade excessiva materializada na fórmula “trabalhe enquanto eles dormem/descansam” que, num domínio ainda mais distante, retomam a fábula “A cigarra e a formiga”, de Esopo. No caso em tela, isso redundava em considerar que as crianças, imbuídas do espírito empreendedor, trabalham enquanto as demais brincam, mas isso não é interpretado como uma exploração do trabalho infantil, senão como uma oportunidade de antecipar comportamentos e atitudes a serem requeridos na inserção dessas crianças no mercado de trabalho. Quer dizer, na ótica da competição neoliberal, tais crianças já se mostram mais preparadas que as demais.

No comentário sete, a posição de sujeito relativiza o entusiasmo no relato da postagem, pois a comercialização das pulseiras poderia estar relacionada a uma gincana de jogos de entretenimento e, portanto, onde se enxerga a inteligência emocional haveria apenas uma brincadeira infantil e desinteressada, de modo a relativizar o entusiasmo contido da postagem.

Os comentários ainda avaliam, dentro das particularidades do gênero *fanfic*, a postagem em questão: “Incrível ele não finalizar ali com ‘não é SOBRE dinheiro, mas SOBRE aprendizados, quase gabaritou o teste de fanfics corporativas, não fosse esse item faltante” (Comentário 8) e “E as lágrimas? Fanfic sem choro emocionado, nota 5” (Comentário 9). Nos critérios estabelecidos para aferir a qualidade das *fanfics*, há dizeres que se retomam, como na construção assinada pela seguinte estrutura sintática “não é sobre x, mas sobre y”. Para Bagno (2020), tal construção constitui uma tentativa desajustada de tradução de frases do inglês em que aparece a preposição *about*. Segundo esse autor, “[...] embora em muitas circunstâncias seja possível traduzir *about* por sobre, existem diversos usos muito específicos do *about* que não correspondem ao nosso sobre” (BAGNO, 2020, p. 37). Essa construção, tendo em vista o referencial do enunciado, reporta-se à letra da música Trem-Bala, de Ana Vilela, cantora e compositora representativa de uma geração, mormente chamada, em tom jocoso, de geração Ana Vilela. A música em questão fala de uma superioridade de sentimentos e atitudes que se impõem a certas exigências da sociedade contemporânea, como ser querido por todos e chegar ao topo. Daí o efeito pretendido pelo posicionamento da postagem, no qual o aprendizado seria mais relevante que o dinheiro. Ainda de acordo com esse posicionamento, ficou faltando apenas essa construção sintática para se enquadrar a postagem integralmente nos critérios de uma *fanfic corporativa*. Procedendo dessa maneira, o discurso a circular nos comentários insere os dizeres de cunho neoliberais no campo da fantasia, da invenção, da fabulação, o que, a nosso ver, constitui uma estratégia de resistência, de uma não aceitação das vontades de verdade do neoliberalismo.

Movimento semelhante pode ser identificado no comentário nove, pois a nota conferida (5) se deve à inexistência de um “choro emocionado”, o que dotaria a narrativa de uma natureza melodramática e, por essa ótica, constitutiva desse tipo de história. Vemos que, em ambos os comentários, os sujeitos enunciados mobilizaram saberes concernentes a um processo de avaliação das postagens, tendo em vista a existência de regularidades, como certos enunciados prototípicos e a presença ou não de um componente emocional. Em outro comentário, há um enunciado a divergir da lição pretendida pela postagem, a saber: as crianças

podem (e devem) aprender a cartilha do empreendedorismo e da educação financeira. Vejamos: “Quando eu era criança, eu roubava o alho, a cebola e as coisas da avó para vender na vizinhança. O que aprendi com isso? Roubar e sonegar é bom” (Comentário 10). A posição de sujeito deste enunciado subverte o efeito da moral contida no discurso da postagem, ao pontuar que atitudes politicamente incorretas também são “aprendidas”. Podemos constatar ainda, embora de modo sub-reptício, uma crítica ao associar a sonegação de impostos ao setor empresarial.

A terceira materialidade do *corpus* refere-se a um print de tela de uma postagem publicada no Facebook, cuja autoria não é identificada. A postagem traz uma breve descrição verbal acompanhada de uma fotografia de um jovem executivo sentado numa poltrona e iniciando a sua rotina de trabalho. Pode-se ver um ambiente bem climatizado, algumas plantas ao fundo e um teto adornado com detalhes na cor laranja. Ele descreve essa atividade da seguinte forma: “Tramando as 6h00 da matina. Não existe grandeza sem sacrifício. Sacro ofício, trabalho sagrado. Por que é sagrado, porque me faz grande. Todo o grande tem a história de sacrifício” (Postagem 3). Esse enunciado da postagem liga-se, num domínio associado, a outros enunciados, os quais afirmam o valor nobre do trabalho, resignificando a carga negativa do termo sacrifício. Ao buscar destituir o sentido de castigo, ao qual o trabalho foi historicamente associado, a posição de sujeito atrela o trabalho ao sagrado, razão pela qual se deve valorizá-lo e aceitar passivamente as condições impostas. Colabora para esse efeito de sentido o fato de o executivo começar a labuta a partir das seis horas da manhã e a necessidade de mostrar tal esforço nas mídias digitais, conectando o resultado desse esforço ao sucesso a ser conquistado. Ademais, no término das postagens, há as seguintes *hashtags*: “#trabalho #empreendedorismo #empresario” (Postagem 3). A função dessas palavras consiste em indexar o conteúdo na web, de modo a possibilitar certas buscas e relacionar com outras postagens semelhantes. Em suma, o sujeito empreendedor é impelido a mostrar sua rotina de esforço, porque é somente por meio desse governo de si mesmo, como se fosse uma empresa, que o sucesso pode ser obtido, em conformidade com a ordem neoliberal e com as relações de poder que dela derivam.

Alguns dos comentários publicados em razão dessa postagem satirizam o jogo linguístico realizado com o termo sacrifício, como em “saco e orifício” (Comentário 11), “sacrifício/sacro ofício/ é meu saco impresso/em papel ofício” (Comentário 12). Para Bakhtin (2008), uma das formas de constituição do grotesco

refere-se à alusão às partes baixas do corpo, especialmente aos órgãos sexuais e excretórios. A subversão da visão religiosa contida em “sacro ofício”, por meio do emprego de “saco” e de “orifício”, demonstra o funcionamento desse humor grotesco e, em nossa leitura, manifesta uma posição diametralmente oposta às especificidades da racionalidade neoliberal, na qual, de acordo com Han (2015), cada um carrega consigo o seu campo de trabalho.

Outros dois comentários, em tom crítico, ressignificam o pretense sacrifício presente na postagem: “Claro que teve sacrifício, sacrifício da galera que é sacrificada por eles. Sacrificaram muitas pessoas” (Comentário 13); “Os pais do Elon Musk sacrificaram várias vidas africanas nas minas de esmeralda da Zâmbia para que ele tivesse a fama e a riqueza que tem hoje” (Comentário 14). Nos posicionamentos assumidos nesses enunciados dos comentários, ergue-se uma postura problematizadora e de resistência em relação ao sacrifício do jovem executivo, quando cotejado com as condições precárias de uma massa de trabalhadores (“galera”) que não dispõe do conforto de trabalhar em casa, por exemplo, sendo, portanto, sacrificados para produzir lucro para a classe empresarial. Essa exploração gera o que Standing (2020) chama de precariado – uma junção dos termos “precário” com “proletariado” e representa uma série de trabalhadores ao redor do mundo que não possuem uma âncora de estabilidade. Nesses dizeres do comentário, há uma abertura para questionar o funcionamento da sociedade neoliberal de modo mais amplo. Isso é marcado linguisticamente pelo uso do pronome “ele” no plural, bem como pela forma verbal “sacrificaram”. O reforço de tal crítica realiza-se no comentário quatorze, quando se menciona o caso de Elon Musk, considerado o homem mais rico do mundo (em dezembro de 2021) e eleito pela revista *Times* como a personalidade do ano de 2021. O comentário alude ao passado dos pais do multimilionário, marcado pela exploração da força de trabalho na extração indiscriminada de pedras preciosas de um país africano (Zâmbia) e, com isso, busca construir uma posição segundo a qual a meritocracia, travestida de sacrifício pela postagem em análise, constitui um discurso falacioso que tende a ocultar as desigualdades sociais.

O último comentário examinado em relação a essa postagem assim se expressa: “Mas eu não quero grandeza, eu quero acordar tarde e descobrir que me deixaram uma herança milionária” (Comentário 15). Essa posição de sujeito rebate o efeito de grandeza proveniente do sacrifício defendido na postagem, ao pontuar que o importante seria herdar uma fortuna. Noutros termos, conforme este comentário, a suposta grandeza não seria o objetivo perseguido, porque de-

notaria trabalho e sacrifício, mas, sim, a descoberta da existência de uma herança milionária, tendo em vista que, nesse caso, não há nenhum esforço envolvido. Essa situação reporta-se a uma forma de humor a satirizar a racionalidade neoliberal, na medida em que esta tende a produzir discursos marcados pela ênfase na meritocracia e no esforço individual como chave para o sucesso. Em suma, é como se todos pudessem ter essa chance, mas as condições objetivas nos mostram que não.

Na última materialidade coletada para análise, também há um print de postagem publicada noutra rede social, o *Linked In* e, dialogando com a análise anterior, tem-se um relato de agradecimento por mais um dia de trabalho que se inicia: “Sentei em frente ao meu computador e abençoei meu trabalho. Me veio uma cena muito forte de meu pai tomando café e dizendo: - Filha, hoje terei que construir mais um sonho de alguém. Ele era pedreiro, eu tinha sete anos, é sobre isso” (Postagem 4). Nota-se que o sujeito enunciador da postagem, ao rememorar a atitude resiliente de seu pai frente ao trabalho concebido como um valor inalienável, cria um exemplo a ser seguido não apenas por ele, mas pelos demais usuários da rede social em questão. O apelo ao discurso religioso demarca relações de poder a partir das quais a racionalidade neoliberal passa a agir sobre as condutas dos sujeitos e, com isso, o terreno das emoções é acionado, especialmente quando o posicionamento assumido na postagem reafirma um lugar de pertencimento em relação à atividade laboral. Disso resulta um processo de subjetivação, pois o sujeito é continuamente instado a se autocontrolar e ser produtivo. De acordo com Dardot e Laval (2016), a subjetividade, feita de emoções e desejos, paixões e sentimentos, crenças e atitudes tem sido cada dia mais concebida pelo setor empresarial como um trunfo para o bom desempenho.

Essa especificidade da razão neoliberal é satirizada em comentários como: “Hj eu sentei e joguei água benta pra abençoar meu computador. Agora ele não liga” (Comentário 16); “Hoje eu sentei em frente ao computador e amaldiçoei o meu patrão. E lembrei do meu pai dizendo: - Filha, se seu salário é mínimo, o seu trabalho também será. É sobre isso” (Comentário 17). As estratégias em que se alicerça o discurso humorístico configuram-se no sentido de delinear a assunção de posicionamentos distintos em relação ao texto-fonte. No primeiro comentário, o ritual religioso de benzer levou à danificação do instrumento de trabalho, de maneira a construir um dizer segundo o qual a aceitação das condições laborais com base na prática discursiva da religião mostra-se falha; já no segundo, a crítica emoldura-se pelo viés parodístico da postagem, principalmente em razão de

alguns elementos inexistentes no relato da postagem, a saber: a) emerge a figura do patrão, a ser amaldiçoado pelo sujeito enunciador; b) o conselho dado pelo pai difere frontalmente daquele presente na postagem; c) o jogo linguístico alojado na possibilidade de sentido do termo mínimo, qualificador de salário, leva a uma interpretação segundo a qual o esforço conferido ao trabalho deve ser diretamente proporcional ao valor do salário.

Outro comentário acentua o estatuto do gênero *fanfic*, quando avalia: “Fic 5/10. Faltou ela falar que no final o pai se tornou dono de uma empreiteira apenas por esforço próprio e que ela agora cuida dos sonhos de muitos outros pedreiros também por esforço próprio após o pai deixar a empresa de herança” (Comentário 18). Nesse enunciado, o desdobramento faltante da história, ou seja, a continuação do relato com o foco no empreendedorismo do sujeito enunciador é responsável pela nota atribuída. Conforme a posição de sujeito do comentário, o fato de inexistir uma trama a apontar para o discurso da meritocracia (“esforço próprio”) impede a postagem de cumprir integralmente os requisitos do gênero. Subsiste aqui um discurso crítico acerca de certas regularidades construídas sob a égide da racionalidade neoliberal, materializadas em relatos de sujeitos empreendedores que ocultam as desigualdades e defendem a tese segundo a qual basta se esforçar para conseguir. Os dois últimos comentários, por sua vez, ironizam a veracidade da postagem, pois alfinetam: “Eu tava lá, eu era a garrafa azul que ele levava para a obra” (Comentário 19); “É verdade. Ele construiu minha casa!” (Comentário 20). Conforme vimos noutros momentos deste estudo, comentários com esse teor tendem a inserir o discurso das postagens no campo da imaginação e, portanto, dissociá-los de certa confiabilidade. Noutros termos, para essa posição dos comentários, essas narrativas devem ser lidas somente nas grades de inteligibilidade da ficção.

Conclusão

No âmbito deste artigo, estabelecemos como propósito analisar como os discursos humorísticos presentes em postagens e comentários do grupo *Fanfics Corporativas*, no Facebook, constituem estratégias de resistência frente à racionalidade neoliberal. Para isso, examinamos quatro postagens e vinte comentários, publicados no referido grupo, em dezembro de 2021. Por meio do estudo, foi possível observar que as postagens escrutinadas foram originalmente publicadas em outras redes sociais e, quando inseridas no grupo em questão, sobre elas são tecidos uma série de críticas e destinados recursos linguístico-discursivos, como

a paródia e a ironia, materializados nos comentários. Geralmente, as postagens trazem em seu bojo reflexões sobre certa ética do trabalho no interior da lógica neoliberal, discursos relacionados à meritocracia, à positividade demasiada e ao esforço individual como a chave para o sucesso, narrativas que exaltam o empreendedorismo como um fenômeno de inestimável valor, a ser desenvolvido desde a mais tenra idade, dentre outras, práticas concernentes ao *modus operandi* do neoliberalismo.

Já os comentários tendem a considerar os aspectos defendidos nas postagens como originários do fenômeno da escrita ficcional feita por fãs, as *fanfics*, o que leva a posicionamentos discursivos para os quais se trata de fabulações profundamente evidenciadas por tramas rocambolísticas, previsíveis e repetidas. Ao descaracterizar o efeito de verdade das postagens, por meio do humor, podemos reconhecer o funcionamento de estratégias de resistência ante o efeito homogeneizante e sedutor das narrativas inscritas na racionalidade neoliberal. Como aprendemos com Foucault (1995), o poder é microfísico, pois se pulveriza por todo o corpo social e, como corolário, as táticas de resistência também apresentam semelhante propriedade. Em suma, não se trata apenas de revoltas de grande porte e de impacto público, mas de microrresistências contidas nas microlutas que o humor encerra.

Referências

- BAGNO, M. **Falsas elegâncias**: como evitar a hipercorreção na escrita formal. São Paulo: Parábola, 2020.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.
- BARBOSA, I. V.; FISTAROL, C. F. S.; ROEPKE, J. L. Reflexões sobre linguagem e tradução em contextos de *scanlation* e *fanfics*, **Organon**, Porto Alegre, v. 35, n. 68, p. 1-17, 2020.
- BURKART, M. **De Satición a Hum®**: risa, cultura y política en los años setenta. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2017.
- CASAQUI, V.; MATIJEWITSCH F.; FIGUEIREDO, C. B. S. Empreendedorismo, infância e celebridades: análise dos discursos do empreendedorismo para crianças, **Intexto**, Porto Alegre, n. 44, p. 99-119, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/78062/49892>. Acesso em: 19 dez. 2021.
- CASTRO, G. H. C.; SIQUEIRA, M. V. S. "Vão achar que é uma piada, mas, para nós, não": discursos de resistência em clubes brasileiros de futebol gay, **Cadernos EBAPE BR**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1058-1070, out./dez. 2020. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/82707>. Acesso em: 16 dez. 2021.

- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaios sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FIGUEIREDO, D. O. **Humor e resistência**: as possibilidades políticas do humor nas charges do jornal O Pasquim. 2012. 100 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- FOUCAULT, M. **Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-250.
- FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos IV**: Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**: curso dado no *Collège de France*: (1978-1979). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 19. ed. Ed. M. J. Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- HAN, B. C. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Trad. Maurício Liesen. Âyiné: Belo Horizonte, 2018.
- MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. Trad. Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- MIRA, M. C. **Circo eletrônico**: Sílvio Santos e o SBT. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- MUNIZ, C. R. Poder e humor em tempos de pandemia: as *deepfakes* de Bruno Sarttori, **Revista do Gelne**, Natal, v. 23, n. 9, p. 60-70, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/24769>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais on-line**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- RODRIGUES, J. Movimento antioach nas redes faz alerta sobre positividade tóxica no trabalho, **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 5 dez. 2021. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/sua-carreira,movimento-antioach-nas-redes-faz-alerta-sobre-positividade-toxica-no-trabalho,70003916265>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- RUIZ, M. A. A.; ARAÚJO, L. M. B. M.; MANZANO, L. C. G. O humor em (dis)curso: efeitos do feminismo nas mídias digitais, **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 63, p. e021018, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8662018>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- SAFATLE, V. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 11-38.
- STANDING, G. **O precariado**: a nova classe perigosa. Trad. Cristina Antunes. Autêntica: Belo Horizonte, 2020.
- VILELA, A. **Trem-Bala**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ana-vilela/trem-bala/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

Sobre o autor

Francisco Vieira da Silva - Doutor em Linguística. Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas-RN, e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros-RN. E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8730615940772209>.